aos problemas de produção e comercialização, faz prever que a área plantada no estado fique do tamanho da observada em 1996/97 e aproximadamente 47,51% menor que a de 1997/98.

Outros estados de produção significativa de algodão em pluma (Minas Gerais, São Paulo e Goiás), prejudicados pelo clima, devem reduzir a área. No Mato Grosso do Sul, com problemas parecidos, há previsões de um pequeno aumento (4%) na área e (26%) na produção. No Nordeste, o aumento esperado da área continuará sendo liderado pelo estado da Bahia.

Se forem confirmadas as previsões, Mato Grosso se tornará o maior produtor brasileiro de algodão, dobrando a área cultivada. Por trás desse incremento estão os incentivos fiscais – isenção parcial do ICMS concedida pelo governo estadual; disponibilidade de sementes de elevado potencial produtivo e de alta resistência às doenças; fatores climáticos ideais para a implantação e cultivo no estado e ganhos consideráveis obtidos com o produto, em decorrência da mecanização e manejo das lavouras, resultando em um produto de elevada qualidade.

Todas as previsões dependem essencialmente da liberação dos recursos para o custeio. Até o momento os produtores estão enfrentando muita dificuldade na obtenção de tais recursos, fato que está atrasando o plantio no Paraná e em São Paulo.

E-mail: daniela@fgv.br

SAFRA DE VERÃO

ARROZ

Quarto crescente

Praticamente todos os estados brasileiros que produzem arroz deverão registrar crescimento de área na próxima temporada

ELIANA LEITE

A produção total da safra de verão foi avaliada pela Conab entre 10,9 e 11,3 milhões de toneladas.

Considerando uma média de 11,1 milhões, esse desempenho significará um crescimento de 31% sobre o resultado da colheita anterior – o que não quer dizer muita coisa. O nível a ser alcançado (caso tudo dê realmente certo) é ainda ligeiramente inferior ao resultado de 1995, o melhor dos últimos anos, e nem mesmo essa colheita chegou a ser excepcional.

A produção, que entrou em trajetória decadente a partir de 1996, apenas está retornando ao ponto de partida – um patamar convencional. Muito possivelmente ensejará uma nova fase de crescimento, caso se concretizem as boas expectativas quanto ao mercado para as novas variedades agulhinha de sequeiro.

A possibilidade de melhor comercialização para as novas variedades altera a tendência ao desinteresse pela atividade arrozeira que dominava os produtores dos estados centrais.

Arroz: área, produção e produtividade

Safras 19987/98 e 1998/99 (previsão)

U.F.	Área (em mil ha)					Produção					Produtividade (kg/ha)		
	1997/98	1998/99		Variação (%)		1997/98	1998/99		Variação (%)		1997/98	1998/99	Variação (%)
	(a)	(b)	(c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(f)	(e/d)	(f/d)			
PR	83,4	83,4	83,4	-	-	166,8	166,8	166,8	-	-	2.000	2.000	-
SC	142,6	145,5	148,3	2,0	4,0	805,7	822,1	837,9	2,0	4,0	5.650	5.650	-
RS	849,2	900,2	951,1	6,0	12,0	3.609,1	4.816,1	5.088,4	33,4	41,0	4.250	5.350	25,9
Sul	1.075,2	1.129,1	1.182,8	5,0	10,0	4.581,6	5.804,9	6.093,1	26,7	33,0	4.261	5.151	20,9
MG	208,6	208,6	208,6	-	-	394,3	394,3	394,3	0	0	1.890	1.890	-
ES	9,8	9,8	9,8	-	-	28,9	28,9	28,9	0	0	2.950	2.950	-
RJ	5,0	5,0	5,0	-	-	16,1	16,1	16,1	0,1	0,1	3.217	3.217	-
SP	73,2	73,2	73,2	-	-	121,5	121,5	121,5	0	0	1.660	1.660	-
Sudeste	296,6	296,6	296,6	-	-	560,8	560,8	560,8	0	0	1.891	1.891	0
MT	428,0	612,0	629,2	43,0	47,0	1.018,6	1.456,6	1.497,5	43,0	47,0	2.380	2.380	-
MS	70,2	78,6	82,8	12,0	18,0	238,7	267,2	281,5	12,0	17,9	3.400	3.400	-
GO	129,0	187,1	200,0	45,0	55,0	247,7	374,2	400,0	51,1	61,5	1.920	2.000	4,2
DF	0,4	0,4	0,4	-	-	0,6	0,6	0,6	6,7	6,7	1.400	1.400	-
C.-Oeste	627,6	878,1	912,4	39,9	45,4	1.505,6	2.098,6	2.179,6	39,4	44,8	2.399	2.389	0,4
C.-Sul	1.999,4	2.303,8	2.391,8	15,2	19,6	6.648,0	8.464,3	8.833,4	27,3	32,9	3.325	3.693	11,1
N/NE	1.205,5	1.539,7	1.539,7	27,7	27,7	1.863,1	2.487,4	2.487,4	33,5	33,5	1.546	1.616	4,5
Brasil	3.204,9	3.843,5	3.931,5	19,9	22,7	8.511,1	10.951,7	11.320,8	28,7	33,0	2.656	2.880	8,4

Fonte: Conab/Didem.

Isto já se revela de forma concreta: de acordo com a Conab, os estados centrais deverão sofrer acréscimos importantes na área plantada desta próxima safra, devendo Mato Grosso registrar 45% de expansão e Goiás, 50%; o mercado paulista, tradicionalmente bloqueado para o arroz de sequeiro comum, parece se mostrar receptivo para as variedades agulhinha de sequeiro. Levando em conta a excelente comercialização do produto em 1998, tudo colabora para as expectativas otimistas quanto ao plantio no Centro-Oeste na próxima safra.

Arroz na terra do arroz

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional e responsável por cerca de 45% da produção brasileira, os produtores estão bastante animados. O resultado econômico muito bom da última safra vem sendo amplamente noticiado pelos órgãos de imprensa.

De acordo com os organizadores da Expointer, feira agropecuária que acontece em Esteio (RS) entre o final de agosto e início de setembro, os arrozeiros foram os produtores que mais compraram máquinas no último evento, sinalizando que a recapitalização da classe está permitindo uma renovação do parque estadual de máquinas – tratores, colheitadeiras, pulverizadores etc.

Uma conferida nos preços recebidos em 1998 justifica bem a euforia do produtores: enquanto a média em dólar oscilava entre US$10,8 e US$12,5/saca de 50kg no período 1994-97, em 1998 os preços estiveram bem acima desses patamares: entre US$14,50 e US$17,00 por saca no período principal da comercialização. Um crescimento significativo em termos de rentabilidade econômica por unidade, supondo que o custo total por saca fique em torno de US$10,4/saca.

As cotações no nível do produtor alcançaram patamares ainda superiores, atingindo até US$19,50/saca, embora se saiba que, quando o mercado chegou a esse nível de preços, a quantidade disponível para venda já estava bastante reduzida.

O plantio no Rio Grande do Sul já está bem adiantado e é provável que a colheita se dê mais cedo no próximo ano. Até a primeira quinzena de novembro, 66% da área estadual já havia sido semeada, totalizando 613 mil hectares contra 252 mil cultivados na mesma época do ano passado. Segundo consultores privados, o plantio pode estar finalizado no início de dezembro, quando se encerra o período preferencial segundo o zoneamento agroclimático.

A expectativa com relação ao clima na região Sul é das melhores. La Niña provoca clima seco e forte luminosidade – fator de grande importância para a cultura do arroz.

Como os produtores vêm seguindo cuidadosamente a recomendação técnica de antecipar ao máximo o plantio das variedades de ciclo médio e todos os fatores favoráveis à produção estão se conjugando, é possível acreditar em uma colheita concentrada e precoce.

Para o mercado internacional, as previsões indicam que as exportações poderão decrescer bastante em 1998, em função de recuperação das safras na Indonésia e nas Filipinas, que importaram muito em 1998, e também pela provável redução das compras brasileiras, caso a safra total confirme os prognósticos otimistas.

Para contrabalançar, no entanto, sabe-se que os estoques mundiais estão baixos, o que pode contribuir para a formação de preços ainda bem atraentes para o cereal em 1999, tanto no plano externo quanto no interno.

E-mail: elileite@fgv.br

SAFRA DE VERÃO

FEIJÃO

Recuperação possível

É forte a intenção de plantio para todos os tipos de feijão, o que não significa efeito proporcional sobre a área

ELIANA LEITE

Confirmando o dito popular de que "o produtor rural lucra mesmo é com o prejuízo do vizinho", 1998 foi um ano excepcional em termos de remuneração para o plantador de feijão. A safra brasileira foi péssima, o pior resultado dos últimos anos, atingindo 2,9 milhões de toneladas no total das variedades, o que representa um desempenho igual ao de 1992.

O motivo para o fracasso está relacionado à seca no Nordeste e ao excesso de chuvas na região Sul – artes de El Niño.

Preços não caem muito

A escassez fez com que os preços subissem muito, nos três níveis da comercialização. Em junho, os preços ao produtor bateram impressionantes R$110,00/saca 60kg, refletindo o forte impacto das perdas da segunda safra.

Depois as cotações foram perdendo fôlego, até porque o ciclo breve do feijão permite que os produtores absorvam o estímulo de preços altos e respondam rapidamente com mais plantio, ofertando produto novo em um espaço de tempo relativamente curto (três meses depois). Além disso, normalmente os plantios do meio do ano são irrigados, o que favorece a normalização do abastecimento no segundo semestre.

Esses produtores por sua vez quase sempre administram bem a colocação do produto no mercado. Mais capitalizados, sua facilidade de acesso à infra-estrutura de armazenagem e comercialização ajuda ainda mais a contrabalançar a pressão de venda, dando nova sustentação aos preços. Assim, embora o mercado não houvesse sustentado por muito tempo cotações próximas a R$100,00/saca 60kg (no nível do produtor), os preços continuaram a ser praticados em níveis elevados.

O bom desempenho dos preços nos faz sempre pressupor que haverá uma espécie de corrida para o produto, especialmente para o grão preto, cuja oferta brasileira é sempre deficitária e cujos preços recentes têm sido realmente atraentes. Mas apesar da forte intenção de plantio para todos os tipos de feijão, não se pode prever um efeito proporcional sobre a área.